



## Fases do Aprendizado Pessoal

### Fases del Aprendizaje Personal

### Phases of Personal Learning

**Bernardino, P. L.\***

\* Engenheiro de Produção. Pós-graduando em Conscienciologia Aplicada - CEAEC  
growpluis@dialdata.com.br

#### Unitermos

Aprendizagem  
Conscienciologia Aplicada  
Crise de Crescimento  
Parapedagogia

#### Palabras-Clave

Aprendizaje  
Conscienciología Aplicada  
Crisis de Crecimiento  
Parapedagogía

#### Key-words

Applied Conscientiology  
Growth Crisis  
Learning  
Parapedagogy

#### **Resumo:**

Neste artigo relata-se uma experiência pessoal de aprendizado vivenciada durante o Curso de Pós-graduação em Conscienciologia Aplicada, promovido pelo Centro de Altos Estudos da Consciência (CEAEC). O processo de aprendizagem é apresentado através de fases, nas quais o autor explicita as percepções quanto a si mesmo, o grupo de alunos e o mundo exterior, registradas em vários momentos do curso. Também são incluídos o *materpensene*, objetivo e prioridade de cada fase descrita.

#### **Resumen:**

En este artículo se relata una experiencia personal de aprendizaje vivenciada durante el curso de pós-graduação em Conscienciología Aplicada, promovido por el Centro de Altos Estudios de la Conciencia (CEAEC). El proceso de aprendizaje está presentado através de fases, en las cuales el autor explicita las percepciones relativas a sí mismo, el grupo de alumnos y el mundo exterior, registradas en varios momentos del curso. También están incluídos el *materpensene*, objetivo y prioridad de cada fase descrita.

#### **Abstract:**

This article shows a personal experience of learning that was experienced during the Post-graduation Course in Applied Conscientiology promoted by the Center for Higher Studies of Consciousness (CEAEC). The learning process is presented through phases, in which the author makes explicit the perceptions that were recorded in various moments of the course with regard to him, the group of students and the outside world. The *materhosene*, the objective and the priority of each phase that was described were also included.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo apresentar de forma sucinta a experiência pessoal de aprendizado que vivenciei durante o Curso de Pós-Graduação em Conscienciologia Aplicada, promovido pelo Centro de Altos Estudos da Consciência (CEAEC). O curso, com duração de 2 anos, incluindo aulas em São Paulo e em Foz do Iguaçu, será concluído ao final de 1999. As vivências descritas no artigo ocorreram no período de janeiro de 1998 até maio de 1999.

A *performance* na aprendizagem foi relatada

através de fases, cada uma sintetizando as experiências de um determinado período de tempo, com uma percepção específica da realidade, retratada na forma de "sensação interna" e "sensação externa", incluindo o *materpensene*, objetivo e prioridade de cada fase.

## 2. CONTEXTO

O relato foi feito dentro da perspectiva de aluno, em interação com o grupo de colegas e com o mundo externo.

**Indivíduo:** a experiência vivida foi relatada na figura de uma consciin que experimenta a Conscienciologia, passando por várias etapas de entendimento, absorção e questionamento dos conceitos aprendidos.

O objetivo principal foi a auto-análise da *performance* na aprendizagem pessoal através do que denominei de “fases do aprendizado pessoal”.

**Grupo:** formado pelos colegas de classe, professores e colaboradores do CEAEC, é para mim a referência mais próxima de desenvolvimento enquanto estudante. É no convívio com o grupo que o indivíduo começa a desencapsular-se, expondo-se aos seus traços e trafores até então não percebidos.

**Mundo externo:** toda realidade além da fronteira formada pelo grupo.

### 3. FASES DO APRENDIZADO PESSOAL

#### 3.1. Primeira fase: fascinação pelo novo

Período: março/maio 98.

Durante os primeiros módulos do curso, a descoberta ou redescoberta dos conceitos e temas da Conscienciologia motivou a leitura e estudo de todo o material ligado à área.

**Internamente**, a sensação era de um vazio a ser preenchido e, **externamente**, de que o grupo de alunos estava em um mundo a ser compreendido.

- **Materpensene:** Satisfação pessoal.
- **Objetivo:** Aprender mais/absorver ao máximo.
- **Prioridade:** Estudar.

#### 3.2. Segunda fase: dentro do holopensene

Período: junho/agosto 98.

Nesta fase, após vários meses de aulas, o *rapport* com os temas abordados em aula e as conversas com os colegas de curso tornaram-se automáticos.

Foi a fase do “*plug and play*”, na qual tudo o que era dito era entendido, e tudo o que era entendido parecia claro e de aplicabilidade fácil e óbvia.

**Internamente**, a sensação era de tudo entendido. **Externamente**, sentia que o grupo era fascinante e o mundo era de fácil compreensão.

- **Materpensene:** Satisfação pessoal.
- **Objetivo:** Integração ao grupo, entender o mundo.
- **Prioridade:** Estar próximo ao grupo.

#### 3.3. Terceira fase: necessidade de dar aplicabilidade

Período: setembro/novembro 98.

Nesta fase, o desejo de dar aplicabilidade a tudo que estava sendo aprendido era grande.

Havia muito o que fazer e a única dúvida era por onde começar.

Nesta fase - utilizando uma analogia para expressar a condição em que me encontrava -, tinha a sensação de estar em um ninho, seguro e protegido. E após aprender que era preciso voar para evoluir, era preciso dar aplicabilidade, isto é, saltar para o primeiro voo.

**Internamente**, tinha a necessidade de começar e, **externamente**, percebia um grupo de pessoas “querendo fazer”. Sentia que havia muito o que fazer no universo, mas sem saber por onde começar.

- **Materpensene:** Aplicabilidade
- **Objetivo:** Concretizar algo.
- **Prioridade:** Achar um caminho.

#### 3.4. Quarta fase: será que estou realmente preparado?

Período: setembro/novembro 98.

A quarta fase ocorreu em paralelo com a terceira fase e foi disparada a cada tentativa de implementação de uma idéia ou projeto gerado na fase 3.

A principal característica desta fase foi nunca considerar-me *realmente* preparado, gerando assim a seguinte seqüência de eventos:

1. Após a escolha de um projeto (fase3), não me sentia *realmente* preparado para sua implantação.
2. O projeto era deixado em “*stand by*”, e iniciava-se um aprofundamento, através do estudo e/ou pesquisa do assunto, tendo a certeza de que o colocaria em prática tão logo estivesse preparado.
3. Um segundo projeto era analisado, para substituição do primeiro que estava sendo “melhor

entendido”, e acabava tendo o mesmo destino do projeto anterior.

4. Um terceiro projeto era analisado e, sucessivamente, os projetos eram avaliados e, um a um, descartados.

Um exemplo disto ocorreu com a tenepes:

- *Fase 1:* Tive o conhecimento do que era a tenepes.
- *Fase 2:* Entendi as vantagens da prática da tenepes.
- *Fase 3:* Decidi-me por tornar-me um praticante.
- *Fase 4:* Questionei-me se estava realmente preparado.

Entretanto, mesmo após ler o livro *Manual da Tenepes*, fazer cursos sobre a tenepes, seguido de muita leitura, efetivamente não iniciei a tenepes.

A fase 4 esgotou a fase 3 em cada tentativa de implementação, e empurrou-me para a fase 5.

**Internamente**, a sensação era de não estar apto, preparado, para iniciar algo. **Externamente**, a sensação era de que o grupo já havia começado, e de que o universo teria de esperar um pouco mais.

- **Materpensene:** Insegurança.
- **Objetivo:** Tirar toda e qualquer dúvida.
- **Prioridade:** Estudo profundo, cursos extras.

### 3.5. Quinta fase: prioridade ao cotidiano

Período: dezembro/fevereiro 99.

Estando convencido de que algo teria de ser concretizado (fase 3), mas sentindo que ainda não estava total e completamente preparado (fase 4), iniciei uma seleção de projetos e tarefas que pudessem ser executadas com segurança.

Esta fase acabou levando-me, inconscientemente, a priorizar o cotidiano, implementando projetos de caráter pessoal ou limitados à esfera familiar e de trabalho, revestido de uma roupagem consciencial.

Utilizando toda bagagem de conhecimentos da fase 1 na implementação de projetos pessoais e profissionais, tive a ilusão de estar envolvido em “algo maior”, de estar efetivamente dentro da proéxis.

**Internamente**, a sensação era de satisfação

pelo trabalho realizado e de ter dado aplicabilidade a tudo que aprendi. **Externamente**, a sensação era de que o grupo consideraria tudo correto e certo, e de que o mundo efetivamente estaria recebendo minha contribuição.

Esta foi a fase do grande engodo.

- **Materpensene:** Comodismo.
- **Objetivo:** Satisfação do ego.
- **Prioridade:** Fazer alguma coisa, com segurança.

### 3.6. Sexta fase: a incômoda volta às aulas (ao holopensene)

Período: março 99.

Na fase 5, a sensação de realização, de problemas efetivamente resolvidos, de ter feito e estar fazendo o melhor, tornou incômodo o retorno às aulas e ao grupo, pois não havia ressonância.

A sensação era de o grupo não ser composto pelas pessoas da fase 2, e de que tudo era muito diferente.

Não existia *rapport* nesta fase, a comunicação era truncada e estranha, pois entendia as palavras, sabia os conceitos, mas efetivamente não entendia a aula.

Nesta fase, tudo o que foi aprendido na fase 1, e que um dia havia sido lógico e coerente (fase 2) tornou-se estranho e inconsistente.

A certeza de estar fazendo o melhor, e a minha parte (fase 5), encapsulou-me, não me permitindo o entendimento.

**Internamente**, sentia-me, literalmente, um “peixe fora d’água”. **Externamente**, a sensação era de que o grupo “havia ficado louco”, e de que eu estava ajudando a melhorar o mundo.

- **Materpensene:** Egoísmo.
- **Objetivo:** Reconduzir a aula ao certo.
- **Prioridade:** Avisar, mostrar os erros.

### 3.7. Sétima fase: eles estão todos errados

Período: março/abril 99.

Após a frustrada integração com o grupo, tive

dificuldade em entender o que aconteceu. Havia partido de uma análise apriorística de que, se alguma coisa estava errada, com certeza, o erro estava no grupo e não em mim.

Nesta fase, extremamente incomodado, procurava falhas, fissuras e erros em tudo que foi ensinado, anotado, gravado, escrito, lido, falado. Procurava falhas no grupo, mas nunca em mim mesmo.

Tinha a certeza de que o problema não era comigo.

Todo conhecimento da fase 1 foi questionado e reinterpretado, numa tentativa de justificar com lógica as fases anteriores.

A vontade era de me afastar o máximo possível do grupo (fase do cotoveloma, do "me deixe só").

**Internamente**, a sensação era de desconforto. **Externamente**, a sensação era de que o grupo havia errado o caminho e de que eu estava no mundo fazendo o meu melhor.

- **Materpensene:** Egocentrismo.
- **Objetivo:** Provar que o erro estava fora de mim.
- **Prioridade:** Reinterpretar as fases 1 e 2.

### 3.8. Oitava fase: acenderam a luz

Período: maio 99.

Não conseguindo encontrar em tudo que foi vasculhado a causa de todo o desconforto, retornei às aulas após um período de dúvidas e insatisfação.

Retornei, não porque havia entendido o que estava errado, mas porque estava confuso e queria saber a razão.

As aulas ficaram claras novamente.

Percebi o equívoco.

Nesta fase, uma retrospectiva foi feita e ficou clara a necessidade de redefinir os caminhos futuros.

Percebi que teria de parar e trabalhar ao máximo para reduzir as conseqüências das atitudes anteriores.

Agora entendia as armadilhas da fase 4 e compreendia a "teoria dos 51%".

**Internamente**, a sensação era de estar apto e pronto para fazer o que devia ser feito. **Externamente**, sentia que o grupo estava caminhando na frente, em um universo no qual havia muito trabalho a fazer.

- **Materpensene:** Fazer a parte que me cabia.
- **Objetivo:** Achar a parte que me cabia.
- **Prioridade:** Fazer o que tinha de ser feito.

### 3.9. Nona fase: reiniciando a caminhada

Período: junho 99.

Nesta fase, senti-me fortalecido com as experiências vividas e estava aberto.

Entendi que as fases são sucessivas e progressivas em um constante auto-enfrentamento.

Sabia que teria de avançar na realização da proéxis, com inteligência, discernimento e cosmoética.

## 4. CONCLUSÃO

Dentro do contexto da evolução, faz-se necessária a avaliação clara e objetiva do momento evolutivo que vivencia a conscin, identificando e percebendo ao longo do eixo do tempo quais foram as prioridades, os objetivos e, principalmente, o materpensene que impulsionou todo o movimento de interação da mesma.

Interpretar sob a ótica consciencial o imediatamente passado é fundamental na escolha do caminho a ser seguido ou repellido pela conscin em seu contínuo entendimento da realidade que a cerca.

O presente artigo foi originalmente redigido com o intuito de tentar entender a crise de crescimento provocada pelo Curso de Conscienciologia. O relato expõe o grande "mata-burro" exemplificado na fase 4, e o grande engodo que é a priorização do cotidiano travestido de consciencial, que apesar da sensação de crescimento, mostra-se um grande equívoco.

Fica claro que, sem o *feedback* do grupo, a fase 6 acaba não existindo, ficando muito difícil romper com o ciclo vicioso e pseudoevolutivo das fases 3, 4 e 5.